

Kasper, W. (2014). *O Evangelho da família*. Prior Velho: Edições Paulinas.

O autor, após o seu título, “O Evangelho da Família”, inicia a sua obra com o prefácio o qual introduz com estas palavras: “O presente volume, o Evangelho da família, contém uma alocução com o mesmo título que fiz em Roma, a convite do papa Francisco, diante do Consistório extraordinário dos cardeais (20 e 21 de Fevereiro 2014)” (Kasper, 2014, p. 5). Deixando assim claro que não era a primeira vez que se debruçava sobre a matéria. E, no mesmo prefácio, esclarece que a finalidade da sua obra não é de antecipar a resposta do Sínodo, é somente para se confrontar com as interrogações postas e colocar bases para o debate das mesmas.

O livro, em relação à estrutura habitual de uma obra, apresenta uma estrutura peculiar, enquanto este é composto por um prefácio, seguido de uma introdução, cinco breves capítulos e uma conclusão. Após a conclusão, o autor coloca uma secção de apêndices relacionados com a abordagem e conclusões e fecha a sua obra com epílogo.

Na sua introdução, afirma, em modo lapidar, que há que admitir que se criou um abismo entre as convicções vividas por muitos cristãos e a doutrina da Igreja sobre o matrimónio e sobre a família. No primeiro capítulo, intitulado *a Família na ordem da criação*, Kasper afirma que o Evangelho da Família remonta aos primórdios da humanidade. A família recebeu esta missão do Criador com o mandato «Crescei e multiplicai-vos» (Gn 1,28). Isto, na óptica do autor, revela que o amor entre um homem e uma mulher e a transmissão da vida são inseparáveis. No segundo capítulo que versa sobre *as Estruturas do Pecado na vida da Família*, o autor refere-se às dificuldades que surgiram na relação entre a família e o Criador, as quais qualifica como alienação, por outras palavras o pecado, o que levou à expulsão do Paraíso e cume da alienação é a morte. Para o autor a alienação do homem para com Deus tem como efeito imediato a alienação do homem com outro homem. O terceiro capítulo aborda *a Família na ordem cristã da redenção*. Enquanto o segundo capítulo apresenta um cenário nublado, o terceiro é um quadro mais positivo e restaurador, enquanto apresenta o matrimónio, enquanto sacramento, como instrumento de cura das consequências do pecado, matéria do segundo capítulo, como instrumento da graça santificante. Segundo o autor Jesus entrando na história de uma família, ele curou e santificou-a (Kasper, 2014, p. 27). O quarto capítulo apresenta *a Família como Igreja doméstica*. Tendo sido curada e santificada por Jesus, ao entrar na sua história, a família se torna numa pequena igreja. A liturgia, como diz o autor, define frequentes vezes a Igreja como família de Deus. Kasper define “as igrejas domésticas (as famílias) como *ecclesiola in ecclesia* uma igreja pequena no interior da Igreja” (Kasper 2014, p. 34). Elas concretizam a presença da igreja local na vida das pessoas. O autor está convencido que “as famílias precisam da Igreja, e a Igreja precisa das famílias para estar presente no centro da vida e nos âmbitos modernos da mesma. Sem as igrejas domésticas, a Igreja permanece alheia à realidade concreta da vida” (Kasper, 2014, p. 36). O quinto e último capítulo, levanta a grande questão pastoral dos *Divorciados recasados*. A desagregação da família no mundo actual que levanta sérios desafios

pastorais à Igreja. Casais que estiveram unidos pelo vínculo matrimonial, mas que depois romperam-no, ofuscando assim a união nupcial perpétua de Jesus com a sua Igreja, e mais tarde tiveram outra oportunidade, portanto, casais recasados. Na tentativa de encontrar uma resposta de como tratar esta segunda oportunidade, ou os recasados, em termos sacramentais, tem havido várias posições. As fundamentais são duas: rigorista, que defende a indissolubilidade do matrimónio vincada pelo próprio Jesus, portanto, uma vez rompida a comunhão não devem acostar-se à comunhão da eucaristia; e a laxista, que defende a misericórdia de Deus, portanto, mais abertura. Na base desta abertura, estes poderiam aceder à comunhão. A posição mais rigorista sustenta que para além da indissolubilidade está o aspecto pedagógico, no sentido que, não se acostando à comunhão desencorajam quem tencionava romper o vínculo matrimonial. Argumento que é criticado por julgar que é uma instrumentalização da pessoa que sofre e pede ajuda. E coloca-se uma questão: “Deixamo-la morrer para que os outros vivam?” (Kasper, 2014, p. 43).

Depois de ter aprofundado muito esta questão pastoral sobre o trato a dispensar os divorciados recasados, que parece ser a problemática que deu origem ao livro e que também foi uma das questões fundamentais do Sínodo sobre a Família, celebrado em Outubro de 2015, Kasper posiciona-se assim: “Em suma: para a nossa questão não existe uma solução geral para todos os casos. Não se trata da admissão dos divorciados recasados. Devemos antes tomar a sério a unicidade de cada pessoa singular e de cada situação particular, e distinguir e decidir cuidadosamente caso por caso” (Kasper, 2014, p. 62).

Apreciação crítica: o livro tem muito mérito. Aborda, de maneira muito aprofundada, a problemática da família, base da sociedade, igreja doméstica que se debate actualmente com vários desafios. Remontou desde a origem, percorreu as várias épocas, os vários momentos da família na sua relação com Deus e consigo mesma. Fez emergir momentos luzes e sombras na caminhada da família até aos nossos dias. O último capítulo, na minha opinião é o centro da obra, porque é a grande discussão pastoral dos nossos dias: Como devem ser tratados os divorciados recasados, e posicionou-se com muito equilíbrio.

Como fragilidade, no meu ponto de vista, é o facto que pelo título não ser fácil, logo à primeira, enxergar o grande tema da actualidade que o livro exaustivamente aborda, qual é a sorte que deve merecer um divorciado recasado, em termos sacramentais, por outra, este pode ou não comungar. Em termos comerciais o livro devia ter como título: “O problema dos divorciados recasados”, o quinto capítulo. Porém, este aspecto não tira o grande mérito do livro e a recomendação que posso fazer é que se adopte nas paróquias para a pastoral familiar.

Rafael Baciano Sapato

Universidade Católica de Moçambique

rsapato@ucm.ac.mz